

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

1º. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

ULTIMO SOBRE A IRLANDA, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *A locomotiva sem Deus*, por J. de Lemos.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem prehistorico*, pelo Padre F. Sanches.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande*.—*Correio sem franquia*.

GUIMARÃES 13 DE NOVEMBRO DE 1881

ULTIMO SOBRE A IRLANDA

NO CEMITERIO

Existe em Dublin, no sitio chamado Glasnevin, um cemiterio notavel, apontado sempre nos *Guias do Torista* pela Grã-Bretanha. Metti-me no *Tram way* e fui visital-o. Depois de interrogar os vivos acerca dos vivos, quiz tambem interrogar os mortos acerca dos vivos e inquirir d'elles qual a fé do povo irlandez. O cemiterio de Glasnevin é um grande livro aberto, onde podemos estudar-o com vivo interesse. Cada lapide é uma pagina de granito, cada pagina de granito encerra uma inscripção, cada inscripção evidencia o alto christianismo d'este povo.

Do centro da cidade até lá medeia uma distancia soffrivel. O descampado n'aquellas alturas já é completo. O cemiterio está alli bem para a hygiene, para a mãe que quer chorar desafogadamente sobre a campa da filha, para o pensador, que ama o silencio.

Entre em Glasnevin, como que arrastado por uma secreta attracção que me faz achar sempre um prazer intimo em visitar as necropoles christans e em abandonar-me à *réverie* da sua mudez mysteriosa. Quando alli entro, parece-me que transponho o limiar do mundo, e que penetro além do tumulo à região do desconhecido e do infinito. Ha no cemiterio para mim muito mais do que uma poezia melancolica e bemquista, mixto de doçura e amargor como a saudade, ha uma lição eloquentissima, a solemne lição da morte, que está em tudo, menos no nosso espirito descuidoso. Existe no meu entendimento uma

relação ou uma analogia natural entre o vasto oceano e o cemiterio, a mesma que existe entre os élos extremos de uma cadeia; é que se nada nos dá uma idéa da immensidade de Deus como o oceano, por assim dizer, infinito, nada nos dá uma idéa do nada do homem como o cemiterio onde jaz o «pó assentado» do que foi antes pó levantado e irrequieto, onde repousa a cinza agora inerte de um fogo tantas vezes assolado pelo orgulho, onde se impõe com a evidencia ineluctavel dos despojos que juncam o sólo o desengano de que a vida não pôde escapar à morte, onde do seio de centenaes de lousas como que surge a mão descarnada dos que já foram, para nos vir arrancar d'ante os olhos o veu côr de rosa das mil illusões que nos illaqueam, que nos fascinanam e nos empecem de atirar a vista ao largo, até à valla onde todos nós temos do tropeçar, estatuas de pés de barro, cahidas de seu pedestal de um dia.

Tenho compaixão dos que hão medo ao cemiterio e horror ao passamento. São almas pequeninas, as unicas para quem o morrer é realmente terrivel. De resto, na necropole christã o pensamento do trespasse está sempre consorciado com o da immortalidade, o sentimento da saudade entrelaçado com o da esperanza; ha a lousa, mas ensombrada pelo cypreste, o chorão mas a corôa de perpetuas, a columna partida, mas a cruz resaltando, como uma promessa, d'entre cada campa... Extravio-me.

Tudo isto a pello do cemiterio de Glasnevin. Fui vel-o de facto.

Passaei ao longo dos mausoleus e jazigos. Veio-me a curiosidade de ler quaes os epitaphios com que os irlandezes rotulavam as sepulturas dos seus paren-

tes e amigos. Em tudo se revela o seu espirito piedoso.

Puxei da carteira que nunca me larga, e fui copiando a esmo os seguintes epitaphios:

1.º «Sob esta lousa repousam os restos mortaes de John Barton. Terno, verdadeiro e grande de coração foi elle. Concedei-lhe, Senhor, que permaneça eternamente em vós. R. I. P.»

2.º «Piedade, Jesus, piedade! Orai, vós que passais, pela alma de Patricio Boland.»

3.º «Consagrado à memoria de Margarida Watson. Viveu uma larga vida na pratica de todas as virtudes christans e alou-se a um mundo melhor, cheia de confiança nos meritos do seu Salvador. *In manus tuas etc.*»

4.º Em volta de uma cruz grande, de marmore, enrola-se uma facha, onde está entalhada esta historica aspiração de S. Francisco de Assiz: «*Deus meus et omnia*, meu Deus e meu tudo.»

5.º «Por caridade orai pela alma de Maria Margarida Nelson, fallecida a 9 de Abril de 1868, fortificada com os ritos da santa Igreja catholica. Dai-lhe, Senhor, um eterno repouso.»

6.º «A' memoria de James Hanley fallecido etc. Confia, Eu sou a resurreição e a vida. O que crê em mim, embora morra, viverá.»

7.º «O' Coração sacratissimo de Jesus! Compadecei-vos da alma de Dyonsio Horgan, fallecido etc.»

8.º Em volta de uma cruz sobre uma lousa: «Faça-se a vossa vontade!»

9.º Um mausoleu representando uma virgem abraçada à cruz. No sopé lê-se: «cinjo-me com a cruz do meu Salvador.» Na lapide tumular d'este mausoleu leem-se as seguintes palavras: «Em memoria de Francisca Maria Elly. Erigilhe este mausoleu como tributo de mui-

to affecto a sua devotada amiga, Miss Gray. O Jesus, ouve, ó Jesus, esquece!»

A cada passo se nos deparam emblemas sacros, o *agnus Dei*, o calix, o monograma I. H. S., a hera enroscando-se na cruz, Maria Immaculada, a anchora etc.

E' de um paiz d'estes que Chateaubriand podia dizer com não menos até com mais verdade do que da Italia, se bem me lembro: «por toda a parte é a gente advertida, já pelo que ouve, já pelo que vê, de que está entre os seus irmãos de crença.»

Deixei-me ficar só por entre aquellas ruas apertadas de jazigos e cyprestes, não sei quanto tempo, a construir um verdadeiro *Dialogo dos mortos*. Em meio, lembrei-me de que Fénelon já tinha construido um e preferi desistir de um devanêlo innocente do que supportar a humilhação de um confronto. A memoria, ás vezes, commette a indiscripção de se intrometter onde não é chamada.

Proximo á entrada do cemiterio vê-se uma capella mortuaria, assaz airosa, ainda que singellissima, construida segundo o estylo gothico do primeiro periodo, um pouco misturado, todavia, de emblemas e ornatos celticos. Esta mesma singeleza a torna notavel e lhe dá uma graça particular, que não seja se não por destacar-se das capellas e igrejas da Irlanda e da Grã-Bretanha, onde por toda a parte domina o estylo gothico do terceiro periodo (do seculo 14 ao 16), propendendo talvez demasiado para a linha vertical particularmente nos desenhos internos das janellas, e para o *flammejante*.

Defronte da capella ergue-se na sua magestade severa o monumento consagrado pela Irlanda á memoria do seu libertador. Este monumento é uma torre de uns vinte metros de altura, de fôrma cylindrica, terminando em tecto conico. E' completamente nua. Não se lhe vê um relevo, uma saliencia, ou enfeite, nem sequer se lhe applicou o cimento na sua edificação. Só a esquadria e o pezo une entre si as pedras. Escolheu-se a architectura cyclopica, entendendo-se que a austeridade quadrava bem ao cemiterio e á consagração da mais classica e veneranda memoria que evoca no coração do filho da Hibernia o sentimento do patriotismo, Daniel O'Connell.

Debaixo da torre está a crypta que encerra o mausoleu de O'Connell. Mausoleu e crypta são simplesmente magnificos. A tampa d'este é uma grande pedra cinzelada, de marmore preto, na qual está engastada em marmore branco, uma cruz. No sócco do mausoleu lê-se: «minha alma a Deus, meu coração a Roma, meu corpo á Irlanda.» Em derredor, formando corôa ao grande homem, jazem as catacumbas de alguns

dos seus compatriotas que quizeram e obtiveram ser sepultados junto das cinzas do celebre parlamentarista. Por sobre a crypta e em volta da torre hâja um cômodo de saudades, de goivos e perpetuas de envolta com boninas e violetas. E' a vida pullulando sobre o ossuario de O'Connell e desmentindo a sua morte, tão certo é que os mais bellos pensamentos nascem da fé.

De resto, todo o cemiterio de Glasnevin é um monumento levantado ao grande patriota e ao mais verdadeiramente celebre orador d'este seculo, no sentir de Ventura e de Timon. Foi pelos seus aturados esforços que a Irlanda se quotizou para que em Dublin se construísse uma necropole digna de uma capital; e a Irlanda, pondo finalmente por obra o plano do seu filho mais benemerito, pretendeu honrar assim a sua memoria. Todos os sarcophagos que erigiam este largo dormitorio de christãos e todas as lapides singellas que o alastram, todos os obeliscos de granito, todas as columnas de porfido, todas as estatuas de marmore que representam a fôrma humana sob a multipla expressão da mãe, que depois de se ter desvivido em vão pela saude de um filho, verte agora sobre seus restos mortaes lagrimas que o marmore eternisa; sob a fôrma da creança que ri sobre a sua lousa, porque não teve tempo de amar a vida nem o infortunio de lhe sentir os travos, do homem prestante que cruza os braços, caçados de longo labutar e crava os olhos no futuro porque está certo d'elle, do sacerdote que ostenta e parece brandir ainda na mão a sua cruz de evangelizador, como se continuasse a prégar á multidão do seio da mesma morte, do homem de letras que reclina a cabeça sobre uma ruma de livros como sobre os pergaminhos que lhe conferem a immortalidade; de todos estes bairros da morte que o talento esthetico transmudou em esplendidas exhibições da arte, a piedade em mansão religiosa e a mão do jardineiro em canteiros verdejantes onde sorri a esperança da vida; tudo isto, digo, é um monumento erigido a O'Connell na grande necropole catholica de Dublin, como «arrhas por fóro» de indelevel e impotente gratidão. De impotente gratidão, sim, porque onde o homem que fez pedaços para todo o sempre os ferros da antiga Irlanda e creou a *joven Irlanda*, livre como o vôo das suas aguias lacustres, tem um monumento digno d'elle é no coração dos seus conterraneos, monumento maior do que a riqueza pode apprehender, o genio conceber e a pericia executar.

NA IGREJA

Pretendia acabar pela igreja. Este ar-

tigo já não vai muito curto, falta-me o tempo e prometti concluir com a presente narrativa a serie de artigos que escrevi sobre as observações da minha ultima viagem. Portanto, poucas palavras.

Ahi vai a ultima parte preparada á moda da culinaria ingleza, sem temperos alguns. O leitor que lh'os deite a seu gosto.

Todas as igrejas na Irlanda estão sempre abertas desde as 6 horas da manhã até ás 5 ou 6 da tarde pelo menos. O mesmo succede em Inglaterra, em França, na Alemanha. Em Portugal os sacristãos são aristocratas. Dicta a ultima missa, fecham as portas da igreja e acabou-se. Não tem Jesus Christo licença para dar audiencia ao seu povo senão no dia seguinte ás 7 horas da manhã. Este costume de Portugal, que tão facilmente podia ser abolido pelos parochos, é uma vergonha. E' affastar Deus dos fleis e condemnal-o á solidão do deserto.

A qualquer hora da manhã ou da tarde que se entre n'uma igreja encontra-se alguem orando diante do Santissimo. Não são só as mulheres que lá apparecem, são tambem e talvez ainda mais os *homens*. Aos sabbados principalmente allue grande numero de pessoas, a fim de confessar-se, porque aos Domingos ha sempre muitissimas communhões a todas as missas que se dizem no altar mór. Quer nos Domingos, quer em outros quaesquer dias santos ha sempre nas matrizes, igrejas parochiaes, e mesmo em muitas que o não são, uma ou mais homilias feitas ao povo. Quando não é de dia é de tarde a vespuras. Os parochos *nunca por nunca*, sob qualquer pretexto de idade, inaptidão ou mesmo sob qualquer motivo a não ser gravissimo faltam a este dever strictissimo do seu ministerio pastoral, o ministerio da *Palavra*, da instrução, da luz. Por isso a creança na Irlanda é mais instruida sobre a *doutrina christã* que muitos velhos entre nós portuguezes. O' pastores do meu paiz!... ó pobres ovelhas famintas!!... E porque desertais não raro, do aprisco se não porque ali vos falta o pastio!...

A missa conventual e outras celebradas no altar mór commungam todos os Domingos umas seiscentas ou oitocentas pessoas, como o observei na igreja de S. Pedro em Phibshoro (onde eu residia), em Dublin, que aliás nem era uma igreja parochial. Observei igual pratica em outros pontos da Irlanda, como em Cork, em Kilarney. Não pode haver melhor thermometro para julgar da religiosidade d'este povo. Boa parte d'estas communhões é feita por membros das archiconfrarias do Sagrado Coração de Jesus, do Santissimo e Immaculado Coração de Maria, recrutadas em todas as

classes sociaes, desde o titular até ao proletario, que no momento de commungar ostentam bem alto os estandartes das suas respeitadas associações pias, o que produz na igreja um effeito esplendido e tocante.

Acabada a ultima missa, existe uma pequena sociedade leiga de negociantes, artistas, industriaes, etc., instruidos na doutrina e previamente examinados pelo parochio, que fazem de *decuriões de catholicismo* e que, formando no interior da igreja as suas respectivas decurias de meninos, lhes ensinam os primeiros rudimentos da religião, reservando-se o parochio fazer-lhes o *catholicismo de perseverança*. Como isto é bello! Eu assisti a uma d'estas sessões de catholicismo, onde tomavam parte mais de duzentas creanças, o senti-me commovido até ás lagrimas ao presenciar o zelo d'este bom povo, d'esta pleiade de cathecistas voluntarios, gratuitos e intelligentes que se julga honrada e feliz em poder coadjuvar o seu parochio na cathecisação da infancia.

A tarde ha sempre vespersas cantadas e benção do Santissimo Sacramento. Muitas senhoras assignam com a sua garganta para a «Sociedade de Santa Cecilia» e a vespersas apresentam-se no côro a cantar, formando as vozes bronzeadas dos homens com o metal argentino das d'ellas um concerto por extremo agradável.

E' de edificar o modo por que o irlandez se porta na igreja, especialmente durante a missa. Tudo toma agua benta ao entrar e ao sair. A missa é sempre ouvida de livro na mão; homens e senhoras portam-se n'este ponto do mesmo modo. O silencio é absoluto; fallar mesmo em voz baixa durante o Sacrificio seria um escandalo. Entre nós não é uso que os homens levem seus livros á igreja, para acompanharem por meio d'estes bons auxiliares o sacerdote nas ceremonias e ritos do altar. Entendem que é mais consentaneo estar de palestra ou fazerem da cabeça catavento durante vinte minutos. Mas que fazer?... Não é uso: está tudo dicto. Achei sempre uma graça infinita á tal razão de cabo de esquadra—não é uso—, que entre nós portuguezes tem uma força de novecentos cavallos. Se alguma vez, por absurdo, não tivesse sido uso commo em Portugal, já teriamos morrido todos para não mudar o *inviolavel* uso.

Londres, 13 de outubro.

P.º SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

A LOCOMOTIVA SEM DEUS

Quinta d'Anta, 31 d'Outubro de 1881

Ill.º Sr. Director do «Progresso Catholico».

E', na verdade, digna da attenção dos homens pensadores a frequencia com que se hoje succedem nas vias ferreas os mais temerosos desastres.

Querem alguns vêr, n'esse lamentavel factio, uma das consequencias, uma das manifestações, do grave e profundo mal, que trabalha a actual sociedade, que a revolução tem, por toda a parte, afastado da creença em Deus, estabelecendo, simultaneamente, o antagonismo das classes, fomentando e semeando a inveja e odio dos desherdados da fortuna contra os favorecidos d'ella.

E não terão elles razão? Quem estabelece antagonismos, infringindo as leis providenciaes da harmonia; quem semeia odios nas relações sociaes, que a Religião fundou no amor; que pôde colher senão desordem, ruinas e mortes?

A catastrophe da via ferrea, em *Charenton*, que, não ha muito aterrou a França, e assombrou a Europa, offereceu ao Sr. Th. de Caër, no *Univers* de 10 do corrente, occasião para mui judiciosas considerações.

Entre estas, a que mais avulta e domina todas, é a de ter sido hoje a ideia de Deus e dos seus direitos, banida das coisas da vida, sendo conjuntamente, nas emprezas de vias ferreas, como nas outras, os seus empregados, os seus operarios, os seus *homens* n'uma palavra, considerados como simples utensilios, meros instrumentos de rendimento e producção. D'aqui resulta que o dever e o temor são, de ordinario, regulados pelo inquerito e consequencias possíveis d'elle, e da despedida do trabalho; do mesmo modo que para os emprezarios tem por unico regulador os lucros da caixa.

Assegurada a inutilidade do inquerito (que é formalidade na maior parte dos sinistros); assegurada a sua manutenção dos lucros; ficam os deveres de uns e de outros, sem nenhuma lei que os obrigue, porque a lei superior e intima d'origem divina, que é a unica efficaz e que pode seriamente garantir a sociedade, está esquerida ou obliterada.

Com a suppressão da alma e da sua vida, assim nos emprezarios como nos trabalhadores; com o desprezo de todo sentimento e obrigação religiosa; e com o antagonismo, inveja, e odios a que já me referi, que se pôde, fundadamente, esperar das emprezas e operarios d'ellas, como a revolução os fez á sua imagem, que não sejam perigos e desgra-

ças, para a vida e fazenda dos que lh'as confiarem?

Se o emprezario, proprietario, ou capitalista, se considerasse administrador em nome de Deus, tomando os operarios, não como machinas ou utensilios, mas como *homens*, seus semelhantes e irmãos, que devem conta ao emprezario ou proprietario como este a deve a Deus, de quem recebeu o capital ou a terra; e que dos proprios operarios lh'a deve, como cooperadores da sua industria, assim como os trabalhadores a devem tambem a Deus do modo porque ganham seu salario, todas as difficuldades e perigos desapareceriam, e a harmonia e bemquerença se restabeleceria facilmente.

Então, já não seria possível que o Sr. Th. de Caër escrevesse estas linhas:

«As horas de trabalho parecem estar ao desalio com as forças humanas; o serviço regulamentar d'um *foqueiro*, é de 21 horas. Por isso quantos d'estes empregados só vivem o espaço d'um... «limão. Que importa, e de que se podem elles queixar? Não recebem o seu salario, como a locomotiva recebe o seu carvão, para fazer um certo trabalho n'um dado tempo?»

«É este salario não é proporcionado á duração do trabalho?»

«Seja assim; mas nem por isso deixa de ser verdade que sete dias de trabalho por semana, ainda que só fossem 15 horas por dia, fazem quinze *mil quatro centas e setenta e cinco* horas de trabalho por anno—trabalho em que um minuto de distracção é fatal, em que a mais ligeira negligencia pode tornar-se um crime, em que o desfaldecimento do corpo, a somnolencia, um *adesmaio*, são desastrosos, a ponto que o *regulamento* não os prevê!...

«O *agulheiro* ou o encarregado dos *signaes*, commette a mais leve falta no seu serviço; por qualquer motivo, justificado ou não, ha uma demora; é inevitavel o accidente. Pergunto: se serviços d'esta importancia não exigiriam um *segundo* empregado que duplicasse sempre o outro?... Mas este augmento nas despezas geraes não faria conta aos lucros. As indemnisações ás familias das victimas custam menos do que uma reforma. A arithmetica d'um administrador demonstrou-o recentemente. Deixemos, pois, o empregado morrer debaixo da carga, em companhia do viajante, que elle expõe sempre, que mata algumas vezes, e continuemos a viver d'estas *hecatombes* economicas...

«Tal desprezo pela vida humana ainda causa maior indignação quando se tracta da alma do empregado. Depois de ter dado ao serviço durante seis dias um trabalho e cuidado já desproporcionados, parece que o operario te-

«ria direito ao repouso do Domingo. Não acontece assim. O vapor é uma divindade, que quer ser servida sem descanso. O Deus dos christãos não pedia para si senão um dia: ella reclama sempre;—divindade inteiramente moderna, como se vê, e que não brilha pela tolerancia. Fazem-me aqui uma objecção: *O empregado não quer saber do vosso Domingo... A's horas de oração e de repouso que lhe offereceis n'esse dia, prefere elle o feriado mensal, em que, depois do sarau, da vespera, começou aquella sessão de embriaguez que Hippocrates, dizem, prescreve na sua hygiene, e a que o nosso empregado não falta, com uma consciencia, que se lhe desejaria achar no serviço.*

«Eis aqui o que o progresso moderno tem feito do homem utensilio!

Vejamos ainda o que, pouco depois, accrescenta o Sr. Th. de Caër.

Diz elle:

«Não o esqueçamos, pois, é ás creanças religiosas,—mesmo quando já não subsistem senão como loaginha lenbrança—que nós devemos ainda a segurança (muito relativa todavia) das nossas vias ferreas Tomai um agulheiro, um machinista no momento em que suas forças physicas o começam a abandonar: não comprehendes que o seu espirito, excitado pela revindicação e incitamentos á rebelião do seu jornal, está a ponto de desfalecer; que o odio contra o privilegiado o vae arrastar á vingança, e ao crime? Nesta prova suprema, em que o suicidio, consequencia do homicidio, não lhe apparece senão como livramento. . . Que pensais vós que vos protege no fundo do vosso wagon estufado? E' o temor da muleta do regulamento; o medo da policia?

«Escutai uma testemunha. E' o Snr. Bispo Mermillod que falla.

«Achava-se de passagem na Estação de Culoz, e durante os poucos minutos de espera, pôz-se a passeiar no Caes, quando ao cruzar d'uma locomotiva se viu saudar pelo machinista.

«—Vós conheceis-me? perguntou o Bispo de Genebra.

«—Sim, porque fizeste bem á minha familia, e não me posso esquecer d'isso.

«Travou-se então a conversação.

«—Ah! dizia o machinista, na nossa occupação ha terriveis momentos. . . Quando o fogo nos queima os pés, e se tem a cabeça ao sol e á chuva; quando, de dia e de noite, é preciso cortar o ar a todo o vapor, fazer eslourar os olhos para estar attento a tudo, ter os pulmões consumidos, as pernas gastas, a saude arruinada, e isto para transportar, como o relampago, muitas vezes, uns ociosos, uns elegantes e umas. . . elegantes, que,

cassentados e estendidos em fôfas almofadas, dormem socegradamente, sonhando com seus prazeres. . . oh! então ha alguma coisa que nos sobe á cabeça: Tem a gente vontade de fazer ir tudo pelos ares e tirar vingança da sociedade! . . .

«—Mas que vos impede de o fazer? disse então o Snr. Bispo Mermillod; é o receio d'uma condemnação?

«—Oh! não, respondeu o homem, porque eu tambem lá deixaria a pelle; mas pensa a gente que ha talvez um Deus, e que então não acaba tudo do mesmo modo! . . . Bem ouvis, empresarios,—viagantes! Foi aquelle talvez que vos salvou n'este dia, sem contar aos outros.

«Apressai-vos, se não quereis que essa duvida bemfazeja seja substituida pela brutal negativa.»

Se ha, entre nós, nas regiões superiores, quem se occupe de coisas d'esta natureza, parece-me que lhe fica ahi materia para sérias reflexões, d'onde resulta alguma vantagem publica.

Lembrem-se os homens, que vão á frente do povo, de que as aguas, que elle bebe, muitas vezes, são amargas; e, se lhas não adoçarem com a Religião, não se espantem do numero das victimas que fará a sua ignorancia sem luz, e as suas paixões sem freio.—*Dominus ostendit Moysi lignum: quod cum misisset in aquas, in dulcedinem versavunt.* Aquelle lenho que o Senhor mostrou ao chefe do povo symbolisava a Cruz, que é só quem, de amargas, pode tornar doces as aguas d'esta vida.

J. DE LEMOS.

Secção Scientifica

O HOMEM PREHISTORICO

(Continuação)

E já agora não será fora de proposito mostrar o quanto pode ser controvertida a divisão dos tempos prehistoricos, (1) ou pelo menos o seu verdadeiro alcance scientifico de nenhum modo favoravel áquelles *sabios* que, a todo o transe, querem ver nas trez idades uma lei de evolução da humanidade ou phases necessarias do seu desenvolvimento progressivo.

(1) Entre nós já mal pode ser controvertida esta divisão sem pedir venia ao Governo, visto ter o carimbo official.

Nos novos Programmas exige-se que o examinando de Historia Natural saiba: «Lugar do homem na serie das formações geologicas; divisão do periodo humano em prehistorico e historico. *Idade da pedra, do cobre ou bronze e do ferro.*»

Sondando bem o terreno em que estes architectos assentam os seus castellos phantasticos, facilmente se encontra a areia movediça que lhes serve de base.

Houve uma epoca em que os naturalistas sem que primeiro consultassem a observação e a experiencia, forjavam theorias e a ellas accommodavam os factos *bon gré, mal gré.*

Ainda bem que a sciencia segue hoje rumo contrario; todavia não faltam escriptores, que, apenas se encontram de posse d'um minguido numero de factos, se dão pressa em fazer generalisação e syntheses, desmentidas, mais hoje mais amanhã, por novos factos.

E ainda antes de entrar no assumpto seja-me permittido lembrar que a tão preconizada *divisão*, com que os archeologos dinamarquezes enriqueceram a sciencia, não é tão nova como á primeira vista pode parecer.

Ha *apenas* vinte seculos que Lucrecio fez o grande *achado*, cantando em bellos versos as trez celebres idades.

Os sabios do norte só corroboraram com todo o pezo da sua auctoridade os devaneios poeticos do *inspirado* romanizador do systema de Epicuro.

*«Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt
Et lapides.
Posterioris ferri vis est aerisque reperta
Et prior aeris erat quam ferri cognita usus.»*

Esta divisão dos tempos prehistoricos parece affirmar que os homens, em idades successivas e em tempos synchronicos, fizeram primeiramente uzo exclusivo de armas e utensilios de pedra ou silex; que só muito depois é que attingiram o grau de desenvolvimento necessario para applicar o bronze á industria, e muito mais tarde o ferro, poderosa alavanca com que as diferentes raças penetraram os umbraes da historia.

Ora, para mostrarmos já que a tal alavanca não tem a força que se lhe attribue, basta saber-se que a maior parte das tribus negras da Africa conhecem o ferro desde a mais remota antiguidade, e apesar d'isso permanecem na mais profunda barbarie.

Até hoje ainda nenhuma chegou ao grau de cultura necessario para dar testemunho de seus feitos, ou meio de tradições, ou de inscripções ou de quaesquer narrações escriptas, unico modo pelo qual os povos entram na corrente historica.

Não ha duvida que a Archeologia prehistorica demonstra que em todos os pontos do globo e em epocas muito remotas os homens fizeram uso de instrumentos de silex ou de pedras siliciozas: machados, facas, raspadores, aliza-

dores, pontas de frechas, martelos, pontas de lança, etc.

E' isto o que constitue a idade da pedra.

Mas não vamos por este facto concluir que esta idade tenha alguma coisa de absoluto; por quanto é sob um ponto de vista local e relativo que a devemos considerar.

«A idade da pedra não é uma epocha determinada no tempo, diz Ireneu Cochut, mas uma phase do desenvolvimento humano, cuja duração varia segundo os meios e segundo as raças.»

Direi mais: a idade da pedra é pre-historica, historica e contemporanea.

Os sílex lascados e polidos, que se encontram a grandes profundidades, encontram-se egualmente em tumulos historicos. Os esquimaus ainda hoje vivem na idade da pedra.

Mas se esta idade é muito relativa, como acabamos de ver, as outras não o são menos.

Ao passo que alguns povos apenas fabricavam instrumentos de pedra, os povos limitrophes conheciam o bronze e o ferro; outros pelo contrario serviam-se de armas e utensilios de metal e de pedra conjunctamente.

As trincheiras abertas ultimamente no terreno onde se deu a celebre batalha de Alesia pozeram a descoberto armas de pedra, de bronze e de ferro, reliquias dos soldados capitaneados por Vercingetorix.

Façamos ainda menção especial das interessantissimas excavações emprehendas pelo Dr. Schliemann no lugar em que existiu a antiga cidade de Troia; porque estes trabalhos, tendo sido coroados do mais feliz exito, vem dar muita luz á questão que ventilamos.

Cinco cidades, sobrepostas umas ás outras e sepultadas por muitos seculos nas trevas, viram novamente a luz do dia.

A mais antiga suppoe-se construida por Dardanio, de cujas ruinas surgiu a cidade de Priamo e de Heitor, immortalizada por Homero, e d'esta outra e outra até á nova Hium, talvez destruida no iv seculo da nossa era.

O numero de objectos encontrados nas diversas camadas de entulho é immenso.

Os vasos, os idolos, os instrumentos de pedra e de cobre e diferentes artefactos de prata e ouro, contam-se por milhares.

Dous factos porém ressaltam do estudo d'estes objectos.

O primeiro é que as idades da pedra e do bronze se acham completamente confundidas durante muitos seculos.

«Este facto, sem lhe ligar uma importancia exagerada, diz o Marquez de Nadaillac, mostra mais uma vez o quanto são prematuras as divisões successivamente imaginadas, e o inconveniente

que apresenta a sua generalisação quando têm um caracter simplesmente local.»

O segundo facto é ainda mais curioso e muito proprio para tirar as cataractas a algum evolucionista, que não seja cego voluntariamente.

A julgar pelos objectos encontrados, os habitantes das quatro primeiras cidades, em vez de progredirem, marcharam de decadencia em decadencia, sendo todavia da mesma raça, como sustenta Bournouf.

Ainda mais. O Dr. Schliemann afirma não ter encontrado nas excavações objectos de ferro.

Temos por conseguinte povos já muito adiantados em civilisação, que desconheciam o emprego do metal, que as atrazadissimas tribus africanas ha muito souberam apropriar.

Como deduzir, pois, de idades tão relativas para as diferentes raças, a tal lei de evolução ou phases necessarias do seu desenvolvimento progressivo?

Está, porem, no gosto dos adeptos de certa escola dar saltos mortaes, salvando abysmos, que a outros se lhes figurava insuperaveis.

Não lhes gabo o gosto.

(Continúa)

P.º F. SANCHES.

Secção Critica

COISAS! COISAS!

Quando o paiz inteiro se levanta como um só homem, para protestar contra os selvagens attentados, praticados em Roma pelos inimigos de Deus e da Igreja; quando as nações catholicas olham desconfiadas para o ministro dos negocios estrangeiros do rei Humberto, porque teve a pedantesca ousadia de desmentir officialmente as palavras do venerando Pontifice, que actualmente occupa a cadeira de S. Pedro; quando o nome Mancini é escutado com horror por todos os filhos da Igreja de Jesus Christo; um rei, descendente dos reis fidelissimos, fechando os olhos a todas as considerações, desce do estrado onde se eleva o throno e vae pendurar no peito de Mancini a Gran Cruz de Christo, essa condecoração com que se ornamentavam os peitos dos antigos portuguezes que, ao serviço de Portugal, estendiam os dominios da Igreja por todas as partes do mundo!

Nós nem condemnamos o principe que baratea assim as Gran Cruzes, nem maldizemos os governos que o aconsellham; limitamo-nos simplesmente a lamentar as desgraças da patria querida e a chorar sobre as ruinas de um passa-

do mais feliz. E para que se fique conhecendo quem seja o ministro que foi agracia-lo com a Gran Cruz de Christo, pelo rei de Portugal, transcrevemos do *Osservatore Romano*, importante jornal de Roma, o seguinte ácerca do tal Mancini:

«O maior inimigo, que tem a revolução italiana é a mesma revolução. Com seus actos cuida singularmente de se amostrar aos olhos de todos, além de malvado, tambem desprezivel e ridicula. Não é preciso desandar muito; bastam os ultimos tempos. Qual pessoa de probidade, culta e civilisada pode deixar de olhar com desprezo o proceder grosseiro e estolido do ministro dos negocios estrangeiros do reino d'Italia, que, em frente de acontecimentos notorios, evidentes, julgados por modo cathegorico em sentenças de tribunaes, não se envergonhou de propalar impudentemente mentiras, calumnias e absurdos; e com tão insipiente criterio, com tão baixa linguagom, capazes de ser vergonha de um estado, que pondo taes homens á sua frente, mostra não os saber achar nem mais intelligentes, nem mais honestos?!»

Pelo que diz o nosso collega da cidade dos Papas cahiu bem a condecoração! Parabens a ti, ó rei!

O nosso prezado collega da Nação publicára ha tempos um artigo que não pode passar sem reparo da parte do *Conimbricense*. Dissera a Nação:

«—Mandem lá ao Papa o tostão da missa, que me disse na capella de S. João, que mandei pôr em S. Roque.

—Fimão quanto?

—Um milhão de cruzados.

Assim dizia um rei de Portugal, o magnanimo D. João v, ao seu secretario de estado, Diogo de Mendonça.

Quem diria n'aquella epocha e no opulento Portugal, que este, que para si conquistára novos mundos e á Igreja dera novas gentes, pouco mais de um seculo depois, de mãos erguidas, por tantas vezes bateria á porta dos samueis da Europa, mendigando os meios de supprir as necessidades d'um estado, cujos soldados razos outr'ora jogavam, nos mares da China, os dados com peças de ouro?!!»

O collega de Coimbra, não podendo deixar passar as acertadas palavras da Nação, replicou:

«Então que queria que succedesse a um reino como Portugal, que na propria confissão do collega tem tido reis como D. João v, que enviava ao Papa um milhão de cruzados por celebrar uma missa na capella de S. Roque, mandada por elle fazer na Italia, e que desbaratava dinheiro de um modo pasmoso, de fórma que quando falleceu deixou o erario regio totalmente vazio?»

Isto disse o *Conimbricense* no seu numero do 1.º de outubro do corrente anno, querendo vêr as desgraças e as misérias da Patria nas generosidades d'um rei, que as podia ter. Nós, porém, não podemos deixar passar sem reparo as palavras do snr. Martins de Carvalho, e sem dizer a s. s.ª que as desgraças da Patria, apontadas pela *Nação*, são occasionadas por causa mui diversa.

Quem fez a desgraça de Portugal, não foram reis como D. João v, nem governos como o d'este monarcha; Portugal deve as desgraças que vae soffrendo aos governos e aos reis que pozeram em almoeda o que fazia a gloria e a honra do reino — o patrimonio da Igreja lusitana, que era honrado capitalista onde os governos encontravam numerario com que acudir ás necessidades do Estado, sem usurarias commissões, sem ruinosos descontos, como acontece modernamente.

Sim, collega; a ruina de nossa nacionalidade principiou quando se fez não baixa dos bens dos frades para depois os dar, quasi de graça, porque não havia quem os comprasse, em razão de não julgarem verdadeiro senhor d'elles quem os vendia. E por isso se deram pela quarta parte e muitos ainda por menos.

Chamemos para testemunha o mesmo snr. Martins de Carvalho, que poucos dias antes, oito apenas, no *Conimbricense* de 24 de setembro, desfazendo um erro dado por um diario de Lisboa, acerca da quinta do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dizia o seguinte:

«Comprova no dia 28 de Agosto de 1839 o desembargador Antonio Joaquim Coutinho, pela insignificante quantia de 2:684\$000 réis em metal, 2:667\$000 réis em papel, e 2:650\$000 réis em escriptos do thesouro; o que tudo reduziu a metal, pelo cambio que então regulava, pouco mais de réis 5:000\$000 teve de dar o comprador. Com essa miseravel quantia não se fariam a terça parte dos muros de toda a quinta!

Para isso concorriam então diversas causas: 1.ª A propriedade estava em geral por diminuto valor. 2.ª Muitas pessoas tinham escrupulo de comprar propriedades que haviam sido das corporações religiosas. E 3.ª receavam outros que em resultado da guerra civil de Hespanha e outras causas viesse a mudar a fórma de governo em Portugal, e assim ficassem sem as propriedades que tinham comprado.

O negociante d'esta cidade, já ha muitos annos fallecido, o sr. Fructuoso José da Silva, comprou a dita quinta de Santa Cruz, em 23 de Janeiro de 1840, a D. Francisca Dorothea, viuva do desembargador Coutinho; e no inventario a que se procedeu por morte

do sr. Fructuoso, ficou a referida quinta pertencendo a seu filho o sr. comendador José Antonio Leite Ribeiro, pelo valor de 20:000\$000 réis.»

A quinta de Santa Cruz, que nós conhecemos perfeitamente, porque muitas vezes a percorremos, não vale 20 contos de réis, vale 50 contos; pois como o snr. Martins de Carvalho diz, os 5 contos porque fora vendida não chegavam nem para fazer a terça parte dos muros.

Ora faça o collega um calculo do esbanjamento que se fez em Portugal com os bens das ordens religiosas, servindo de base a venda da quinta de Santa Cruz, e verá quantos milhões de cruzados ahí não vão para pagar ao Papa centenas de missas a um milhão de cruzados cada uma! E depois, collega, junte-lhe o que se tem seguido e dirá qual mais mal fizeram ao paiz, se os reis que davam um milhão ao Papa por dizer uma missa, se os que davam quintas de 50 e mais contos de réis, por 5 e por menos ainda.

Vamos abrir uma subscrição para com o seu producto offerecer uma corôa de custoso preço ao snr. Alonso Martinez, ministro da *Gracia e Justicia* da nação visinha. E porque? perguntarão os leitores, e com razão.

Porque? Essa não é má! Pois os nossos leitores não sabem que o ministro de *La Gracia e de la Justicia* do catholico rei Affonso de Hespanha, apresentou á assignatura regia o seguinte projecto de lei?

1.º São considerados legitimos os matrimonios canonicos contrahidos em Hespanha, em harmonia com as disposições do Concilio de Trento.

2.º São igualmente legitimos os matrimonios civis contrahidos á face das disposições do Codice em projecto.

3.º Os matrimonios celebrados no estrangeiro por hespanhoes, terão o mesmo character de legitimidade, uma vez que se guardem, ao celebrar-se, as formulas e requisitos exigidos pela lei da terra estrangeira, e as condições que as nossas leis prescreverem.

4.º Para que os matrimonios tenham effeitos civis em Hespanha, é indispensavel a sua inscrição no Registo Civil.»

Então? merece ou não merece uma corôa de grande preço, o ministro que uma tal lei levou á assignatura regia?

Nós o que fazemos é galardoar os feitos d'estes senhores que tudo querem civil, porque admiração não nos causa nada que elles façam.

O concubinato deve ser decretado pelos ministros e referendado pelos reis, para que não haja o trabalho de con-

demnar aquelles que disserem publicamente que os paços dos reis são verdadeiros alcouces. Andae assim, ministros do rei catholico, mas trancae as portas para que os vossos amigos não visitem vossas esposas, vossas filhas, vossas irmãs. Andae assim, ministros do rei catholico; decretae a mais infame das amancebias em todas as casas, para que a honra, o pudor, todas as virtudes, perante as quaes se tem curvado os seculos, desapareçam da sociedade moderna e não fique mais que as scenas devassas da Roma devassa dos Cesares!

Caminhae, caminhae retrocedendo aos tempos vergonhosos do paganismo, e a posteridade vos erguerá estatuas de lama, que bem mereceis.

O nosso collega do *Conimbricense* no seu n.º de 22 do mez passado dava-nos a seguinte noticia:

«O snr. bacharel Joaquim d'Almeida da Cunha foi exonerado do logar do segundo official da secretaria do governo civil de Coimbra, por ter sido nomeado secretario geral do governo geral da provincia de Moçambique.»

Este snr. bacharel Joaquim d'Almeida da Cunha é aquelle decantado Ir.º Otto, auctor da não menos decantada pranch.º, dirigida ao redactor do *Echo de Roma*, que deu origem á *Maçonaria desmascarada*, importantissimo livro que desfez em estilhaços a pranch.º e deixou corrido o Cav.º R.º. X.º. a ponto de o não deixar abrir bico a tal respeito. E foi isto em 1873, e até hoje, decorridos que vão oito annos não mais se viu nova pranch.º, não mais o Ir.º Otto entrou na liça! E mais bem o desejava o auctor da *Maçonaria desmascarada*, que bem provocou o tal Cav.º R.º. X.º. em varias notas do *Liberalismo desmascarado*; mas qual Otto, nem qual cabaço! Era elle tolo em se tornar a metter com quem veste armas de tal rizeja, que o deixaram estirado no campo da contenda, rotas as armas, escutando o gargalhar dos contrarios e os sentidos pezames dos amigos!

Lá vae, pois, para Moçambique o nosso Otto, e lá, póde ser, scrá mais feliz com as pranch.º. se as dirigir aos negros, que não devem desgostar se lhe offerter, com a pranch.º, o avental que lhe póde servir de tanga. Aos pretos snr. Otto! Aos pretos!

O secretario geral do governo de Moçambique melhor era que fosse catholico, mas como os catholicos não costumam *pillar* postas não ha remedio senão deixar ir o maçon.

E dizemos maçon, porque o snr. bacharel não se peja de o ser, e tanto

que, n'uma carta que temos á vista, s. s.ª se assignava d'esta fórma:

Joaquim d'Almeida da Cunha
Otto, Cav. R. X . .

E' por isso que somos francos.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Bibliographica

A Historia Verdadeira da Inquisição, licença do auctor.—*O Novo Mensageiro do Coração de Jesus*.—*Um bello livro*.—*Uma revista spiritista*.—*Las misiones catolicas*.

Vae em breve vêr a luz da publicidade, e ser enriquecida a litteratura patria com uma obra digna a todos os respeito da estima de todos os catholicos, e de todos os que prezam as verdades do christianismo, tão infamemente menosprezadas pelos filhos da Revolução. Referimo-nos á obra monumental, devida ao genio e aturado estudo do illustrado escriptor hespanhol o snr. D. Francisco Javier Garcia Rodrigo, intitulada—*La Historia de la Inquisição*.

O editor Teixeira de Freitas, antes de emprehender a publicação de uma obra que tão necessaria se torna em Portugal, sollicitou do auctor a competente auctorisação, que desde logo lhe foi concedida, graças á boa vontade, ao zelo com que o notavel escriptor da nação visinha se empenha na propaganda das boas obras que tem escripto e com que tem enriquecido a litteratura hespanhola.

Eis a carta em que o snr. D. Francisco Javier Garcia Rodrigo dá o seu consentimento para que o editor vimarense faça traduzir e espalhe aos ventos da publicidade o seu notavel trabalho:

Snr. D. José Antonio Teixeira de Freitas.
Madrid 11 de setembro de 1881.

Meu caro senhor. Recebi a carta que, com data de 7 do corrente, se dignou V. escrever, sollicitando licença para traduzir, no bello idioma portuguez, a *Historia da Inquisição*, que publiquei.

Accedo do melhor grado a um desejo que tanto me honra, remettendo-me V. dois exemplares da traducção que fizer; mas como não quero que tenha isto como uma exigencia da minha parte, ainda que me não mande os ditos exemplares, desde já o auctorizo a que mande fazer a dita traducção, attendendo sempre a que em cousa alguma seja alterado o texto, pois considero bem remunerados meus trabalhos sempre que com elles se defenda a Santa Sé Apostolica das calumnias, com que a impiedade a difama acerca dos processos judiciaes, effectuados pelo tribunal do Santo Officio contra a perversidade heretica, e os gravissimos delictos praticados sob pretextos religiosos.

Esta occasião me proporciona (depois de agradecer-lhe as benevolas palavras que me dirige) a inapreciavel honra de offerecer-me a V. como seu affm.º att.º y S. S. Q. B. e irmão em J. C.

F. Javier Garcia Rodrigo.»

Para corresponder ao desinteresse com que o auctor despreza seus direitos para defender a Igreja, o editor portuguez, para defender a mesma causa emprepará todos os meios para que a *Historia Verdadeira da Inquisição* seja bem lida, bem estudada, bem propagada por todas as terras onde se falla a lingua portugueza.

—Mais um numero do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* nos veio visitar. E' o n.º 8, correspondente ao mez de novembro. Se tiveramos tempo, e não fosse isso impossivel não nos occupariamos a fallar de outra publicação; tal é a importancia que encontramos em cada um dos fasciculos, tal o fructo que da sua leitura nos parece advir á Portugal. Recommendal-o, muitas vezes o temos feito; vamos agora pedir a todos que o leiam.

Custa 800 réis por anno, e assigna-se na redacção do *Progresso Catholico* e na administração do mesmo *Mensageiro*, rua do Arco da Bandeira, 30, Lisboa.

—No *Brazil Catholico*, notavel publicação que se faz no Rio de Janeiro, e um dos mais bem conceituados periodicos do Brazil, encontramos o seguinte artigo, acerca do livro ultimamente publicado pela livraria Teixeira de Freitas, devido á penna do Rev.º Padre Senna Freitas, com o título—*Dia a Dia de um espirito christão*.

Eis o extracto que fazemos do numero do dito periodico correspondente a 3 de agosto de 1881:

«UM BELLO LIVRO.—O honrado snr. Teixeira de Freitas, editor em Guimarães (Portugal), teve a bondade de enviar-nos um livro, que é, por assim dizer, um magnifico ramallete, cujas flôres variadas e bellissimas foram colhidas no vasto jardim da litteratura christã.

Para recommendar o livro, será sufficiente nomear o seu author. Essas paginas inspiradas, frescas, viçosas, facteiras no estylo e altivas na idéa, foram compostas pelo illustre Padre Senna Freitas, que tem um nome laureado tanto em Portugal como no Brazil. Quem não leu ou antes não devorou *A tenda do Mestre Lucas, No Presbyterio e no Templo, e os Escriptos catholicos de hontem*, tres das suas obras mais lidas, divulgadas e applaudidas no Imperio?

O seu novo livro trescalando aromas de uma philosophia catholica, intitula-se *Dia a dia de um espirito christão*; é um diario em que o author foi archivando pacientemente boa cópia de apho-

rismos, e reflexões philosophicas sobre a religião, a moral, a sciencia, a litteratura e a politica. Como se vê, é um livro variado na fórma, e cujo fim nobilissimo é levantar o espirito do leitor ás sublimes alturas onde resplandece a eterna Verdade, com o esplendor com que brilha o astro-rei no azul do firmamento.

Lê-se com prazer paginas tão verdadeiras, como eloquentes. Percorrendo-as uma a uma, sente-se o leitor como que transportado a um horto delicioso onde a luz do sol inundando os taboleiros de relva converte as gotas de orvalho em preciosos rubins, bellas esmeraldas e perolas luzentes, as flôres alegam a vista com a variedade de suas côres, e deleitam o olphato com a suavidade de seus perfumes. Está-se sob uma atmosphera suave, que nos enche a alma de um bem estar indefinivel.

Dia a dia do Padre Senna Freitas recorda *Paille et Grain* de Andre le Pas, e ambos são um receitauario apropriado e efficaz para os males do espirito, e para essa nostalgia que muitas vezes opprime o coração do homem exilado na terra, e sempre a suspirar pelo céu—sua verdadeira patria.

Tem razão o illustre author quando escreve:

«Em meio da pasmosa alluvião de opusculos que se dirigem ao systema nervoso, aos instinctos, aos olhos do publico para o fazer rir a gargalhada insulsa ou aborrecel-o da sociedade e deixar-lhe o gelo n'alma, não será descabido um escripto que, á mingoa de outro merito, se dirige completamente ao espirito do leitor para enaltecel-o um pouco acima do padl das torpezas sociaes e das banalidades litterarias. Felizmente o author não se vê só em campo na sua tentativa; limita-se a occupar o seu numero d'ordem ao lado dos operarios que o precederam.»

Assim é. Felizmente ha quem não se deixe assoberbar pela onda da impiedade cynica e do charlatanismo litterario que tem invadido a sociedade actual.

Ha quem não siga a moda professando essa philosophia descrente, materialista, esteril e que vai, como um espectro maldito, semeando ruinas e lagrimas por toda a parte.

Ha quem não deshonre a sciencia, não prostitua a intelligencia e não colabore para esse progresso e essa civilisação moderna, que estão barbarizando os povos, confundindo as idéas, destruindo as crenças, brutalizando o homem e erguendo o pendão da revolta contra Deus e contra tudo quanto ha de mais santo, estavel e sublime abaixo do sol.

Ha quem não affirme os direitos do homem, com preterição flagrante dos direitos de Deus, quem affronte o res-

peito humano, quem não desconheça o que deve a creatura ao seu Creador, e pense, e saiba e aconselhe que a arte, a sciencia, a politica, e tudo quanto concorre para suavisar as amarguras da vida, nobilitar o homem, engrandecer a familia, recomendar a sociedade e felicitar a humana linhagem, procede do alto d'onde desce a luz que illumina o mundo, o orvalho que fertilisa a terra, e a inspiração que faz do homem um genio e do genio um semi-deus. E' de cima, que vem tudo. Foi n'essa immensa pagina azul que se desdobra na amplitude do céu que o Eterno escreveu em caracteres luminosos o poema da sua grandeza, da sua sabedoria, da sua misericórdia e da sua immortalidade. *Coli enarrant gloriam Dei.*

E basta. Para recomendar o livro *Dia a dia de um espirito christão* é bastante repetir que o seu author é o illustre publicista catholico Padre Senna Freitas.

Nossos parabens ao author e nossos agradecimentos ao editor.»

—Do Rio de Janeiro foi-nos enviado o n.º 7 e 8 da *Revista da Sociedade Academica—Deus Christo e Caridade*. Defende esta publicação o Spiritismo, cousa que a Igreja e o bom senso de ha muito teem reprovado. Pela nossa parte agradecemos a visita do collega, e tanto a agradecemos que pedimos os n.ºs que nos fallam—1 a 6, para termos a collecção completa, que, lá para o futuro apresentará os spiritistas como loucos, ou a nós como uns patavinas de primeira marca. O *Progresso Catholico* lá foi ao Rio de Janeiro pagar a visita com o seu n.º 1 do 4.º anno, e continuaremos.

—A Hespanha hade ser sempre a nação catholica por excellencia. As suas numerosas publicações em defeza das verdades do christianismo são prova assaz forte do que affirmamos. Ainda hoje recebemos o n.º 43 do 2.º anno da magnifica revista *Las Misiones Catolicas*, publicação destinada a divulgar os heroismos praticados pelos missionarios catholicos nas diversas partes do mundo. E' das mais curiosas revistas illustradas que conhecemos no campo catholico e dignas de meditar-se as interessantes cartas allí publicadas, escriptas pelos missionarios. Que sacrificios não fazem aquellos propagadores do Evangelho! Se fossem sabidos pelos Serpa Pinto, Capello, Ivens, etc. etc. como se envergonhariam de fazer alarde dos seus serviços prestados á sciencia e ao paiz!!

Esta revista sae em fasciculos de 24 paginas, in-folio, com excellentes gravuras, duas vezes por mez, e custa para Portugal, pelo correio 3\$200 réis.

Quem a desejar pôde enviar a sua im-

portancia á redacção do *Progresso Catholico*.

A. DE GUIMARÃES.

Entrou no 4.º anno da sua publicação «A Ordem», nosso excelente collega de Coimbra, redigido por alguns Illustrados academicos, á testa dos quaes se acha o Rev.º Almeida Silvano. Damos ao collega conimbricense sinceros parabens e desejamos-lhe tudo quanto para nós queremos.

Retrospecto da quinzena

Ao energico protesto do Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primaz contra os attentados de Roma, dignou-se responder Sua Santidade o seguinte, que gostosos publicamos:

Ill.º e Rev.º Sr.—Na profunda amargura, com que justamente se achava opprimido o animo do S. Padre pelos sacrilegos attentados commettidos na noite de 13 de Julho contra os restos mortaes do seu glorioso antecessor, recebeu Sua Santidade grande allivio com a carta de V.ª S.ª Ill.ª e Rev.ª em nome do clero e povo d'essa illustre diocese, que humildes se acercavam do Throno Pontificio, para reprovar aquelles acontecimentos, e declararem-se tanto mais unidos á S. Sé Apostolica e ao Pontifice Romano, quanto mais graves são as offensas, que se estão praticando contra toda a pessoa constituída em dignidade.

Sua Santidade, encarregando-me de dar-lhe o devido agradecimento, e de manifestar-lhe os sentimentos da sua particular benevolencia por este acto piedoso, bom paternal affecto concede a V.ª S.ª Ill.ª e aos fiéis da sua Diocese a Benção Apostolica.

A esta manifestação não me restava senão ajuntar a confirmação dos sentimentos de perfeita estima, com que sou

De V.ª S.ª Rev.ª
servidor

L. Cardeal Jacobini.º

Roma 23 d'Agosto de 1881.

Mgr. Arcebispo Primaz.

Tivemos a distincta honra de ser lembrados pelo Eminentissimo Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto, para nos fazer enviar a Carta Pastoral, publicada em 11 de outubro passado, prorrogando, em harmonia com as determinações de Sua Santidade, o prazo para se alcançar o Jubileu, até ao dia 8 de dezembro proximo. Na mesma

Carta Pastoral aconselha o mesmo Eminentissimo Senhor, como cumprimento da esmola que os fiéis são obrigados a dar para bem alcançarem o santo jubileu, o cofre do *Dinheiro de S. Pedro*, aberto na diocese do Porto com tão feliz resultado.

Muitas são as necessidades que aos catholicos cabe socorrer; mas de entre ellas, como muito bem lembra o Em.º Sr. Cardeal D. Americo, é por sem duvida a maior, á que mais de prompto se deve satisfazer, a porque está passando o Nosso Santissimo Padre Leão XIII, n'estes tempos em que os seus Estados são presa da rapacidade de um governo atheu, e em que os bens das egrejas, dos mosteiros, são delapidados cynicamente pelos salvadores da Italia.

Acompanha a Carta Pastoral, de que nos occupamos, uma relação dos subsidios dados pelas freguezias da diocese, corporações e varias pessoas, no anno de 1880, para o Dinheiro de S. Pedro. D'entre os donativos por fóra das freguezias, sobresaem 100\$00 réis do Em.º Sr. Cardeal D. Americo, réis 50\$000 do Ex.º Cabido, e 30\$00 das religiosas de Vairão. A somma total dos donativos, que por S. Em.ª foram enviados ao Summo Pontifice profaz a quantia de 3:226\$950 réis.

Beim haja o venerando Prelado portuense, que assim sabe promover entre os povos de quem é Pae, o amor para com a cadeira de S. Pedro, procurando assim limitivar as amarguras que enlutam o coração do representante de Jesus Christo sobre a terra.

No dia 16 de outubro passado celebrou-se a festividade de Santa Thereza na ogreja conventual da mesma invocação, em Coimbra cantando a sua primeira missa o nosso esclarecido collega da *Ordem* o rev.º Almeida Silvano, subindo ao altar com o novo levita os rev.ºs padre Manuel Ramalho, terceiranista de theologia e dr. Manuel Aranha Furtado de Mendonça, professor cathedratico no Seminario de Lamego. Assistiu S. Ex.ª Rev.ª Monsenhor Arcebispo de Goa, e fez-se ouvir, ao Evangelho o Ex.º lente cathedratico da faculdade de theologia, dr. Eduardo Nunes, um dos ornamentos do pulpito conimbricense.

Ao nosso illustrado collega o Rev.º Sr. Almeida Silvano, enviamos cordaes parabens.

Os periodicos de Berlin publicaram no dia 11 de outubro uma carta do imperador Guilherme, em que declara francamente que a paz entre a Igreja e o Estado é tão necessaria a este como aquella para seguirem seus caminhos harmonicamente.

Tambem encontramos nos mesmos

jornaes a noticia de que o principe imperial da Allemanha e a princeza Victoria, receberam em Tréveris a monsenhor Korum, bispo diocesano, cuja visita durára uma hora. Os principes visitaram depois a cathedral acompanhados por Monsenhor, a quem convidaram depois para jantar.

Não é menos importante o seguinte: — Ha dias que se observa a visita frequente que as auctoridades fazem aos parochos catholicos, com quem conferenciam acerca das eleições. Alguns sacerdotes tem tomado a direcção de varios periodicos do centro, ao tomarem conta novamente das suas parochias.

São bem importantes estas noticias, e dignas de serem bem recebidas pelos catholicos.

Deixou Coimbra no dia 23 de outubro, dirigindo-se a Lisboa, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de Goa D. Antonio Sebastião Valente. Na estação, onde o acompanharam muitas pessoas amigas, ao despedir-se de Coimbra, da terra onde tão bemquisto era, e dos amigos que choravam a sua separação, bem mostrou a saudade que lhe ia na alma.

«E' uma saudade que me parte a alma, dizia S. Ex.^a Rev.^{ma} ao despedir-se da mocidade academica na manhã de domingo, o ter de vos deixar e deixar esta terra; levo tudo isto tão gravado no coração que o ter de deixal-o, é como que abandonar uma parte de mim mesmo. Vontade minha não era, porque me dava por bem satisfeito e pago trabalhando com tal fructo n'esta vinha; mas fizeram-me ver n'este apartamento a vontade do Senhor, e eu cedi então porque quero ser sempre fiel ao chamamento de Deus. Possa eu admirar, lá ao longe, a continuada coragem vossa na profissão das crenças catholicas de que tendes dado até agora eloquentes provas: as minhas orações não vos faltarão.»

N'estas palavras se conhece a humildade do apostolo, que vac, em terras de além-mar, servir a Igreja e honrar a patria.

Os amigos do povo, esses patuscos que se apresentam como que a sacrificar-se pela humanidade, quando chegam a galgar o poder, esquecem os mesmos que lhe serviram de degraus, e eil-os a ser odiados por aquelles de entre os quaes sahiram, porque se esqueceram do que com elles pactuaram, e porque querem ser, já que não reis ou imperadores, ao menos tyrannos. Foi o caso que se deu com o Gambetta, com o homem das multidões, com o idolo do povo, o salvador da França.

A canalha não gosta d'elle! Podera gostar! Se elle representa o poder! N'uma reunião demagogica, narra um jornal, passára-se o seguinte, que bem merece ser archivado:

«O cidadão Eudes, nomeado presidente, leu varias cartas de adhesão de varias cidades de provincia. Ciu co oradores, entre os quaes figurava Luiza Michel, atacaram em termos violentos o ministerio e Gambetta, e os circumstantes applaudiram e deram gritos de — Viva a communa!

N'aquelle momento um tal Cadel pediu a palavra.

«Protesto contra o meeting, disse Cadel, e quero saber quantas pessoas ha no salão que protestem comigo; que levantem a mão.» Alguns apoiaram-o, levantando timidamente a mão. Cadel desceu depois da tribuna no meio de gritos e apostrophes de — «Fóra o oportunista! Fóra o empregado de Gambetta!»

Mr. Digeon leu uma proposta em que lembrava que, no caso presente, os direitos do homem abriam a hora legal da insurreição. Estas palavras foram acolhidas com entusiasticos applausos.

Luiza Michel, vestida de preto, subiu á tribuna e declarou que Gambetta devia estar nas galés. «As nossas gnaridas, accrescentou Luiza Michel, são os antros dos leões. Que venha e convencer-se-ha como se mordem e repellem os tyrannos.»

Gritos de — Viva a revolução social e viva Luiza Michel!

O meeting approvou por unanimidade uma proposta para processar os ministros e declarar fóra da lei a mr. Gambetta. Se a camara não cumprir com o seu dever, esta decisão deverá ser executada pelo povo.

A sahida effectuou-se tumultuosamente. A policia era muito numerosa. Mr. Eudes e Luiza Michel iam para ser levados em triumpho; os socialistas, porém, que queriam fazer esta manifestação, foram repellidos pelos agentes e pô le restabelecer se o socego.»

Façam a celebre Luiza Michel, ou outro qualquer cidadão, ministro, presidente de republica, rei, imperador, etc. etc. e terão um tyranno.

Pelo menos é o que tem acontecido até hoje.

E, cousa notavel, não gosta dos jesuitas o tal nosso amigalho Gambetta! Parece que esta boa qualidade, lhe devia dar, pelo menos, as boas graças dos demagogos. Mas não, não gosta d'elles. Não gostam todos dos jesuitas, porque os jesuitas são os homens que enchem o mundo com suas virtudes e com seu saber, e os Gambettas, e os gambettistas amigos ou inimigos d'elle

detestam tudo que sobe tão alto a ponto de os eclipsar, da os não deixar vêr coisa alguma. E, creiam os nossos leitores, o principal motivo porque os jesuitas merecem as iras dos Gambettas de cá e do lá, é porque são maiores do que elles, é porque diante das academias, perante os homens da sciencia, os gambettistas, macaqueiros, positivistas etc. etc. não são nada desde que se levante magestosa a figura do jesuita. E como não podem ser sabios, como não podem edificar, estes modernos sabios, arvoram-se em demolidores, e arrazam tudo quanto dezoito seculos tem edificado.

Vem a proposito o que deixamos dito de uma noticia que nos dá um jornal estrangeiro, e que não podemos deixar sem lhe dar toda a publicidade. Eil-a:

«Os periodicos ultimamente chegados de Manilha, occupam-se extensamente da crescente importancia que vaes adquirindo diariamente o observatorio que alli dirigem com tanto acerto os padres da Companhia de Jesus. As curvas sismometricas, que por occasião dos ultimos terremotos, obteve o director do mesmo observatorio, Rev.^o Padre Frederico Faura, e que sobremaneira excitaram a admiração e o entusiasmo de todos aquelles povos, já não são o que mais o preoccupam. As vistas das auctoridades, e com especialidade dos marinheiros hespanhoes, fitam-se principalmente no exito que o mesmo Rev.^o director vac obtendo de suas observações meteorologicas. Ha dois annos apenas que o sabio jesuita dirige o mencionado observatorio, e já tem prognosticado quatorze furacões, e isto com uma precisão espantosa, e com antecipação de um ou dois dias; prognosticos estes que tem salvado immensos interesses, e roubado aos mares centenaes de vidas.»

Em vista de taes resultados, os inglezes, confundidos ante estas maravilhosas observações, e excitados ao mesmo tempo pela cubiça, vão confessando a veracidade dos factos, proclamando ao mesmo tempo o Padre Faura, o benemerito jesuita, como um dos sabios mais extraordinarios do nosso seculo. E como não podem já menosprezar, como fizeram em principio, tantos serviços prestados ás vidas e fazendas de seus compatricios, pelo notavel jesuita, e querendo tirar toda a importancia á Companhia de Jesus, prepararam-se para fundar em Hong-Kong um grande observatorio que lhe dê as vantagens que sobre elles tem os jesuitas.

Parece-nos que o capitão general das Filipinas, e o general de marinha tençionam, ou já pediram ao governo de Madrid para dar ao observatorio da Companhia o desenvolvimento de que

carece para que a Hespanha possa sustentar com firmeza a honra e gloria que lhe estão dando os zelosos padres da Companhia de Jesus.

Creemos que suas representações obterão feliz resultado, e que não será a orgulhosa Albion que nos arrebatará o lugar que entre as nações do mundo nos grangeou o humilde jesuita catalan, que desde muito consagra a sua vida em bem da humanidade.»

Aqui fica memorada mais uma das costumas das *tratantadas* dos snrs. jesuitas, e com ella findamos hoje.

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

A
PIO IX, O GRANDE

VI

Não deixaremos perder nada. Tudo que se disser, que se publicar, que se escrever com referencia á grandiosa ideia, ao magnifico pensamento que fez convergir todas as vistas para esta terra de Guimarães; tudo aqui archivaremos, para que, n'este *Boletim* se encontro escripta toda a historia do Monumento a Pio IX, o Grande.

Transcrevemos, por isso, do nosso estimado collega e conterraneo a *Religião e Patria* a seguinte noticia, descrevendo o entusiasmo dos vimaranenses no dia em que se espalhou o supplemento ao nosso periodico. Eis-a:

«*Demonstrações festivas*—Esteve em festa esta cidade na passada segunda-feira. Publicou n'esse dia, em supplemento, o nosso estimado collega «*Progresso Catholico*», a resposta que S. Santidade o Papa Leão XIII se dignou dar ao protesto que lhe dirigiu a comissão promotora do monumento ao grande Pontifice Pio IX, contra os ultrajes feitos em Roma á sua veneranda memoria, e esta resposta alvorçou de jubilo e contentamento toda a população de Guimarães, por ver que Sua Santidade se dignava abençoar a obra gigantesca em que ella, com todos os catholicos do paiz, está empenhada.

As duas bandas de musica, que ha na cidade, pouco depois de publicado o supplemento, sahiram espontaneamente para a rua tocando hymnos festivos, demonstração que se repetiu ao meio dia, de tarde e á noite.

A *Penha*, foi embanleirada em arco no cimo do grupo de penedos onde fica a ermida, foi levantado um grande mastro com uma bandeira no lugar onde vae ser erecto o monumento, e de hora em hora atroavam os ares grandes salvas de morteiros.

Tendo a comissão promotora do monumento pedido, no supplemento ao «*Progresso Catholico*», aos habitan-

tes d'esta cidade que á noite illuminassem as suas casas, foi á noite geral a illuminação na cidade, o que demonstra bem qual o grau de jubilo enthusiasmo com que a briosa e catholica população de Guimarães recebeu a noticia da resposta de S. Santidade, e como toda ella adhere ao protesto e á grandiosa idéa que a suscitou.

Foi um verdadeiro dia de festa que ficará para sempre assignalado nos factos de Guimarães.»

Um outro periodico da localidade não gostou, ou não teve verdadeiro conhecimento da festa, e attribuiu-a á inauguração do Collegio das Hortas.

Contra esta falta de conhecimento protestaram os dignos directores das philarmonicas da cidade, nos seguintes communicados publicados na *Religião e Patria*:

«Sr. redactor da *Religião e Patria*.

Vendo no n.º 825 do *Imparcial*, de terça-feira 18 do corrente, uma noticia da abertura do Collegio das Hortas, na qual se diz que ás 11 horas da manhã de segunda-feira 17 percorreram as ruas da cidade duas bandas de musica, annunciando a inauguração do mesmo collegio, venho pedir a v. o favor de publicar esta minha declaração, para que se saiba que a banda de que eu sou director, sahiu espontaneamente para a rua, associando-se á alegria que havia na cidade ao saber-se da chegada de uma carta do Sua Santidade o Papa Leão XIII, abençoando os promotores do monumento a Pio IX o Grande, aos quaes me honro de pertencer, e todos aquelles que para tal fim concorrerem. Foi este o unico motivo que me impeliu a sair com a minha banda e a percorrer as ruas da cidade, ao meio dia e á noite até ás 10 horas.

A' porta do collegio toquei durante a inauguração, antes do meio dia, por n'õ haverem pedido.

De v. etc.

Guimarães 19 de outubro de 1881.

Lucinio Fernandes da Trindade.

Snr. Redactor.

No penultimo n.º do *Imparcial* vem uma noticia, na qual se diz que as musicas que na manhã e durante o dia de segunda-feira tocaram pelas ruas da cidade, o fizeram celebrando a inauguração do novo Collegio das Hortas.

Pela parte que me toca e á banda da *Philharmonica Vimaranense* de que sou director, cumpre-me declarar que não é exacta aquella noticia. A referida banda sahiu para a rua a tocar n'esse dia, por querer espontaneamente associar-se ao geral regosijo que havia na cidade depois que, pelo supplemento ao jornal *Progresso Catholico*, se soube a noticia de que S. Santidade o Papa Leão XIII se dignára approvar a idéa de se levantar aqui um monumento ao

seu excelso predecessor o grande Pontifice Pio IX, e abençoar todos os que directa e indirectamente concorrerem para essa obra.

Foi esta a verdade, e, pelo ser, por-go-lhe, sr. redactor, o obsequio de fazer publica esta minha declaração.

Guimarães 20 de outubro de 1881.»

De v. etc.

Jacinto José Antunes Guimarães.

Adições ao protesto da comissão

Da Meza da Irmandade de S. Pedro

Ex.º Sr. Presidente da comissão promotora do monumento a Sua Santidade Pio IX:

Não podem as ovelhas deixar de balar ao verem atrozmente vilipendiado por lobos hidrophobos o baculo do seu bondoso e affavel Pastor.

Impossivel é que os membros do corpo se tornem insensiveis aos soffrimentos da sua cabeça.

Assim é que a meza da Irmandade de S. Pedro d'esta cidade, que, mercê de Deus, se diz pertencer ao Redil de Jesus Christo, possuida da mais intensa dôr pelos ultrajes ao cajado do seu Padroeiro, em um dos seus mais gloriosos successores o excelso Pio IX, vem apertar em intimo e affectuoso amplexo a V. Ex.ª, como digno presidente de tão illustre comissão e fazer proprios os gritos de indignação expressos no seu energico protesto, que tanto suavizou o magoado coração paternal de Sua Santidade Leão XIII.

A meza d'esta Irmandade baseada na palavra de um Deus tres vezes Santo olha com espirito calmo para Pedro, pedra fundamental do seu aprisco; e certa de que a Igreja, embora gema, jamais baquêa, fita indignada os seus possessos, que em sua requintada ousadia tanto se esfalfam em profanar as pessoas e cousas sagradas; mas que, em grau seu, nada mais fazem, com seu odio satânico, do que tornar mais palpavel a omnipotencia divina e arreigar no coração dos filhos da Esposa de Jesus o seu já subido amor.

Eis a razão, Ex.º Sr., da crecida anciania, com que esta meza espera a realização d'esse grandioso e tão applaudido projecto do monumento ao magnanimo Pio IX, que lá no impireo santo, onde hoje habita, abriga em sua angelica alma o perdão para seus verdugos.

Guimarães o Sacristia de S. Pedro 17 d'outubro de 1881.

Juiz, Padre Francisco Xavier de Souza Carneiro—Secretario, Padre José Joaquim Ribeiro de Castro Meirelles—Vigario do culto, Padre Abilio Augusto de Passos—Mestre de cerimoniaes, Padre João Martins Machado—Thesou-

reiro, Francisco Joaquim da Costa Magalhães—Thesoureiro do Lausperenne, José Ferreira de Abreu—Procurador, Manoel Antonio d'Almeida—Consul-tadores, Antonio Serafim Affonso Barboza—Manoel José da Silva Miranda.

DE VARIAS PESSOAS

Ainda que já protestei na *Semana Religiosa Bracarense*, conjunctamente com o digno Arcipreste e mais clero d'este arciprestado, não posso deixar de adherir aos nobres e catholicos sentimentos da comissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande, tão francamente expendidos no protesto que enviaram a Sua Santidade Leão XIII, contra os nefandos acontecimentos de Roma. E faço este protesto não só como membro do clero catholico, a quem honro de pertencer, mas tambem como portuguez, como filho da nação fidelissima, que devera protestar toda, oficialmente, contra os insultos arre-messados á face da Igreja, na occasião em que se trasladavam os restos venerandos do mais amavel dos Pontifices. Protesto, porque se o não fizesse não podia ser bom catholico, não podia pertencer á Igreja de Jesus Christo, não podia fazer parte da milicia que tem por chefe o Papa, a quem confesso e confessarei verdadeiro amor, filial affecto e respeito e veneração.

Mancellos 20 de Setembro de 1881.

Padre Domingos Ribeiro Pinto de Carvalho, assignante do *Progresso Catholico*.

Santissimo Padre.

Ha quatro mezes aproximadamente que Roma, a formosa filha do Tibre, a cidade dilecta dos Papas, o centro da christandade, foi theatro de um espectáculo de tal ordem, que bem mostra, manifesto, e põe á luz da evidencia, qual seja o aviltamento moral e a degradação a que chegou o povo da Italia *una*, d'esse povo que continuamente atrôa os ares da Europa com seus gritos continuos de progresso e liberdade! Refiro-me, Santissimo Padre, ao crime inaudito, que se praticou na Vossa querida Roma na noite de 13 de Julho; refiro-me ás scenas nefandas e aos attentados satanicos praticados contra as santas reliquias do cadaver venerando do Immortal Pio 9.º; d'esse Pontifice de saudosa memoria e por tantos titulos cognominado o Grande.

Scenas e attentados, que Vos dilaceraram o coração e Vos mergulharam na mais profunda tristeza, vendo cruel ingratidão de filhos verdadeiramente desnaturados.

Lamentando um tal procedimento, que só podia ter por auctores os filhos das trevas e da revolução, e como promotores os amigos de Garibaldi, Ma-

zini e Cavour, eu, como catholico apostolico romano, como filho obedientissimo da Santa Igreja Romana, como portuguez e principalmente como missionario, ainda que indigno, de Jesus Christo, venho á face da imprensa protestar com toda a energia do meu coração e com todas as forças da minha alma contra tão repugnante quanto criminosa scena, qual foi a que se deu na noite de 13 de Julho do corrente anno, junto á Vossa Augusta e Respeitavel Residencia.

Tambem publicamente manifesto a minha sincera e verdadeira adhesão á Cadeira de Pedro, d'onde dimana toda a luz e verdade; e d'onde somente pôde vir a felicidade e prosperidade da sociedade, e por conseguinte das nações, adherindo tambem ao protesto da Comissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande.

Concluo pedindo ao Senhor da vida e da morte, que se digne prolongar a preciosa vida de Vossa Santidade para maior honra e gloria Sua e salvação do povo catholico.

Lisboa 6 d'Outubro de 1881.

Padre Manoel Pedro dos Santos.

Adhiro a todos os protestos feitos contra os actos insultantes que se teem feito ao Nosso Santissimo Padre, e á Religião Catholica que professo, e com especialidade adhiro aos protestos de S. Em.ª o Snr. Cardeal Bispo do Porto e da Comissão promotora do monumento a Pio 9.º, o Grande.

O parochio de Valdemadeira, na Diocese de Pinhel—*Padre Francisco Antonio Rebolho.*

Como catholico apostolico romano e como portuguez adhiro de todo o meu coração ao protesto dirigido a S. Santidade pela Comissão promotora do monumento a Pio IX em Guimarães, contra os ataques praticados em Roma na noite de 12 para 13 de julho; e como prova de amor e dedicação para com o Pontifice da Immaculada quero que V. entregue o resto do vale (500 réis) á comissão. Não envio mais porque sou um alumno pobre do Seminario Patriarchal.

Francisco Dias Bernardo.

Adhiro de alma e coração a tudo que o nosso *Progresso* publicou, protestando contra as selvagerias de Roma.

Cabeceiras 10 de Outubro de 1881.

Padre Antonio Baptista Linhares.

Temos em nosso poder as adhesões da Confraria do Sagrado Coração de Jesus, Real Irmandade dos Santos Passos e de muitos particulares de diversos pontos do paiz, que iremos publicando nos numeros seguintes.

Commissões

Em Cabeceiras de Basto tomou a presidencia o Ill.º e Rev.º Sr. Padre Antonio Baptista Linhares.

Em Moimenta da Beira ficou assim composta a comissão: Ill.º e Rev.º Abade José Manoel Ribeiro Botelho, Arcipreste do julgado; Ill.º e Rev.º Abade Luiz Antonio dos Reis Leitão e Ex.º Sr. Manuel Ribeiro.

Adhesões da Imprensa

A *Ordem*, aguerrido campeão alistado nas fileiras do jornalismo catholico, e nosso esclarecido collega de Coimbra, em seu numero de 8 de outubro publicava o seguinte notavel artigo, que agradecidos transcrevemos:

Monumento a Pio IX na Serra de Santa Catharina, nos suburbios de Guimarães

O lamentavel facto, occorrido em Roma na noite para sempre memoravel de 13 de julho ultimo, unico sem duvida na historia da humanidade culta, excitou a indignação de todos os catholicos, e ainda a de todos aquelles, para quem os principios da verdadeira liberdade não sam mera utopia, mas sim realidade.

A politica italiana, influenciada pela demagogia, empregou todos os meios ao seu alcance para minorar as circumstancias de que elle foi revestido, e até mesmo chegou a attribuir a sua causa occasional aos catholicos; porém, todos os seus esforços foram baldados; a noticia espalhou-se rapidamente, e um protesto de indignação se fez ouvir em todo o mundo.

Protesto pungente porque, o que lhe deu origem, revela claramente até que ponto baixou o nivel moral d'uma nação, outr'ora tão moralisada, tão religiosa; protesto esperançoso; porque revela tambem, que a Igreja tão tenazmente perseguida ainda encontra em todos os confins do mundo soldados vigilantes e promptos para a sua defeza.

Ella nasceu combatendo, e a sua vida de dezenove seculos tem sido passada sempre em combate, mais ou menos sanguinolenta; e, ainda que os seus implacaveis inimigos julguem estar proxima a sua completa destruição, e estejam procurando dar-lhe o ultimo golpe, expulsando da cidade eterna o seu chefe, Ella não morrerá, antes presenciará a destruição d'elles e continuará realisando a missão imposta pelo seu Divino Fundador até á consumação dos seculos.—*Non praevalerunt.*

O insulto feito ás cinzas d'un cadaver, e do cadaver do maior vulto do nosso seculo, d'aquelle que exerceu a maior dignidade, a que o homem pôde aspirar sobre terra e, por sem duvida, mais proprio de selvagens rudes e igno-

rantes, do que d'homens civilisa los e que proclamam tolerancia e liberdade.

Nem um só governo protestára contra elle, o que hein deixa ver como a preciosa existencia do nosso Santo Padre Leão XIII está ameaçada, e como a vida da Igreja se encontra a braços com graves difficuldades.

Portugal, que em seculos passados tão notavel se tornou pelos seus serviços á Igreja a ponto de merecer o titulo de fidelissimo, não obstante encontrar-se como as demais nações a braços com a revolução possui ainda muitos filhos que conservam intactas as crenças de seus maiores, a dedicação, e o amor pelo augusto representante de Jesus Christo na terra; e por isso tambem n'elle se fez ouvir um protesto, e um protesto energico, levantado por muitas classes sociaes.

E cousa notavel, e talvez ignorada ao presente no orbe catholico e até mesmo por muitos portuguezes!

Quatro dias depois do triste acontecimento, um grupo de notaveis catholicos portuguezes, reunidos em pequena capella no cimo da serra de Santa Catharina, perto de Guimarães, prestavam cultos solemnes á Santissima Virgem; e, recordando-se das excelsas virtudes do Pontifice, que a engrinaldou com o precioso dilema da sua Immaculada Conceição, a que durante toda a sua longa existencia tanto promoveu o seu culto, e com tanta sabedoria e coragem soube guiar a barca de Pedro por entre todos os escolhos, resolveram erigir, proximo d'aquelle mesmo logar, um monumento á memoria de tão venerando Pontifice, para, attestar ás gerações vindouras a sua preciosa passagem pela terra e os seus altos feitos.

Contraste admiravel entre o successo de Roma e a da serra de Santa Catharina! e coincidência notavel!

Do cume d'essa serra divisa-se ao longe o monumento do Sameiro, onde se ostenta a magnifica estatua da Virgem, abençoando o catholico povo da mais linda provincia de Portugal— O Minho); a estatua que mereceu as bençãos do glorioso Pontifice.

Tão sympathica ideia foi logo acolhida com verdadeiro entusiasmo por muitos catholicos. Organizou-se uma commissão, a qual generosamente correu com alguns centos de mil reis, e, não esmorecendo no seu louvavel proposito, tem já empregado, com feliz exito, todos os seus esforços para levar a cabo a missão de que se acha revestida.

O nosso prezado collega de Guimarães—O Progresso Catholico abriu uma secção, a que deu o titulo de—Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande—, na qual, como se depreheende do seu titulo, dá minuciosas noticias acerca

dos trabalhos da commissão, e do bom acolhimento que ella tem recebido da parte da nossa imprensa religiosa e dos catholicos portuguezes, que já têm corrido com o seu obulo.

Por elle sabemos que já tem sido organisadas commissões em varias terras do paiz e que o Ex.^{mo} e R.^{mo} Monsenhor Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, dignissimo lente da Faculdade de Theologia na Universidade, e redactor do excellente jornal a Civilisação Catholica, se encarregou de organizar n'esta cidade uma com o fim de colher donativos, e esperamos que o seu appello não será em vão.

Estamos convictos, que muitas pessoas verdadeiramente catholicas, que, felizmente, ainda se encontram n'esta cidade, concorrerão, espontaneamente, a dar o seu obulo; todas, da melhor vontade, procurarão lançar uma pedra, ainda que pequenina, em tão significativo monumento.

Este deve ser nacional, porque o amor do Summo Pontifice em honra de quem é erigido não se restringiu a um ou outro portuguez, mas estende-se a todos, e lembramos á Ex.^{ma} Commissão, que deve ser executado por artistas nacionaes.

O nosso valimento é limitado, no entretanto elle fica á disposição de todos os que trabalham em tão honrosa empresa; e, se ha mais tempo não temos como os demais collegas na imprensa religiosa, dado noticia d'ella aos nossos estimaveis leitores, é porque outros assumptos de imperiosa necessidade nos impediram.

Enquanto não estiver n'esta cidade organizada a commissão estamos promptos, desde já, a receber qualquer donativo e esperamos continuar a informar os nossos estimaveis leitores de tudo o que for occorrendo d'importante.

SUBSCRIPÇÃO PARA O MONUMENTO

Transporte do n.º anterior ..	356\$050
Prior Joaquim Martins Pinto	
—Torres Novas.....	1\$200
Padre José Dias Pereira—	
Santo Thyrso.....	\$400
Enviado pelo Rev. ^{mo} Padre	
Antonio Dias Pereira Ri-	
beiro.....	2\$000
Padre João José Vieira—Pe-	
nañel.....	1\$000
Do Parocho de Cerzedello,	
Rev. ^{mo} Padre Candido Dias	
Pacheco e França, por si	
e seus parochianos.....	6\$100
Prior José Pedro da Costa	
Inglez, S. Braz d'Alportel..	4\$500
Bento d'Oliveira Machado,	
Guimarães.....	1\$000

372\$250

Transporte.....	372\$250
Duarte Leite Bragança, Ju-	
gueiros.....	\$200
	372\$450
Do n.º 8 do Novo Mensageiro.	6\$000
Somma.....	378\$450

(Continúa).

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde o dia 24 de outubro a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa.

- Das Ex.^{mas} e Ex.^{mos} Srs.
- Abbate Antonio José Morcira e Souza.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos, bem como a nova assignatura do que tomamos nota.
- Francisco Antonio Carlos.—Tomamos nota do 4.º anno, que fica pago.
- Padre Pedro Gonçalves Sanches.—Tomamos nota da assignatura do 4.º anno e mudamos a direcção.
- Antonio Gaspar e Silva.—Fica pago o 4.º anno, agradecemos.
- Padre José Ferreira Vidal.—Recebemos 2\$800 reis que lançamos em conta, e mudamos a direcção como de-seja.
- Abbate Antonio Fernandes Paes Villas Boas.—Fica pago o 4.º anno do Progresso Catholico, e o Scavini até fasc. 30; agradecemos.
- José Liz d'Almeida.—Fica pago o 4.º anno, e tomamos nota da outra assignatura.
- Abel Gomes da Conceição e Silva.—Fica pago o 3.º anno, e tomamos nota da assignatura para o 4.º
- José Domingues Costa Maia.—Fica pago o 3.º anno, tomamos nota do 4.º, e agradecemos desde já as assignaturas que nos promete.
- Dr. José Leite Ribeiro Freire.—Fica pago o 4.º anno que agradecemos.
- Frei Francisco da Ave Maria Queiroz.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.
- Padre João Carlos Alves.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.
- Joaquim Fernandes Falcão.—Tomamos nota da assignatura para o 4.º anno, e enviamos o que pediu.
- Prior José Mendes Barata.—Tomamos nota da assignatura do Rev.^{mo} Serra.
- Padre José Pereira Gonçalves das Neves.—Recebemos o importe das 4 assignaturas, dos 3 primeiros fasciculos de Pio 9.º, e enviamos estes e os segundos e Escriptos Catholicos. Agradecemos tudo penhoradissimo.
- Francisco Ribeiro de Gouveia.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.